

SUCESSÃO

Sob pressão, FH anuncia apoio a Covas

Em coquetel oferecido pelo PSDB, presidente diz que subirá no palanque de governador

CHRISTIANE SAMARCO
e ISABEL BRAGA

BRASÍLIA — Cobrados pelos corregilhões por ter recebido "às escondidas" no Palácio da Alvorada o ex-prefeito Paulo Maluf (PPB), o presidente Fernando Henrique Cardoso garantiu ontem que vai subir no palanque do governador Mário Covas (PSDB), na disputa pelo governo paulista em 1998. No coquetel oferecido ontem pelo PSDB, em comemoração aos 66 anos do chefe, o presidente tentou apaziguar os tucanos descontentes e desfazer as especulações "inúteis" sobre um acordo eleitoral com o Maluf.

"Já me encontrei com Maluf várias vezes e não existe nenhum clima de conflagração", disse o presidente. "O drama não foi o encontro, mas a forma como foi feito, sem falar nada a ninguém", comentara pouco antes o senador Osmar Dias (PSDB-PR). "O problema é que há desconfiança do PSDB em relação ao governo e do governo em relação ao PSDB", avaliou o ex-presidente do partido Pimenta da Veiga.

No discurso de agradecimento aos tucanos, "pelo apoio firme e constante" na votação das reformas, o presidente foi objetivo. "Sei que não é fácil ceder espaço e o PSDB tem cedido e compreendido que, muita vezes, o partido tem justas pretensões", disse Fernando Henrique. "Temos de ter capacidade de entender que uma andorinha só não faz verão."

Quem se irritou com as declarações do líder do governo na Câmara, Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA), de que o governo executará o programa do PFL, também não ficou sem uma resposta.

O presidente disse que o programa não é seu nem de um partido, mas do povo que votou no governo. "Temos convicção e legitimidade, e não estamos surpreendendo a Nação", disse ao prever um "desastre eleitoral" para os que se opõem aos "avanços" de seu governo.

Muro — "O PSDB é o partido da convicção e, se não for assim, não será nada", disse Fernando Henrique. E lembrou que, no passado, diziam que os tucanos não tomavam decisões, ficavam no muro. "O murozinho cheio de espetos esse, porque levamos a vida toda brigando no campo das idéias."

Fernando Henrique queixou-se das dificuldades do cargo, por ter que "conciliar o inconciliável e responder a várias demandas da sociedade ao mesmo tempo". E encerrou a fala pedindo desculpas ao partido. Disse que, às vezes, é difícil explicar algumas ações, mas pediu confiança: "O presidente pode dar a impressão de que não está olhando seu partido, mas às vezes é melhor fingir que não está vendo, para olhar melhor com o coração."

Explicação — A operação para acalmar os tucanos, especialmente a bancada paulista ligada a Covas, começou bem antes do discurso presidencial. Coube ao ministro das Comunicações, Sérgio Motta, garantir logo cedo a lealdade de Fernando Henrique aos paulistas.

Em café da manhã oferecido pelo presidente do partido, senador Teotônio Vilela (AL), Motta disse aos dirigentes e líderes que a aproximação com o PPB era "pura especulação" e que o único candidato do presidente em São Paulo chama-se Mário Covas.

O presidente disse no discurso que é muito cedo para falar em eleição. "A questão eleitoral eu conheço e, quem vive com os olhos fixos na eleição perde a disputa", sentenciou. Seu partido discorda. Tanto que os dirigentes tucanos jantaram ontem na casa do presidente do PFL, deputado José Jorge (PE), com o objetivo de acelerar as composições nos Estados.

"A idéia é trabalhar alianças no maior número de lugares possível", resumiu o presidente do PSDB, Teotônio Vilela. Segundo ele, o projeto do partido é formar um comitê em cada Estado para cuidar da aliança.

